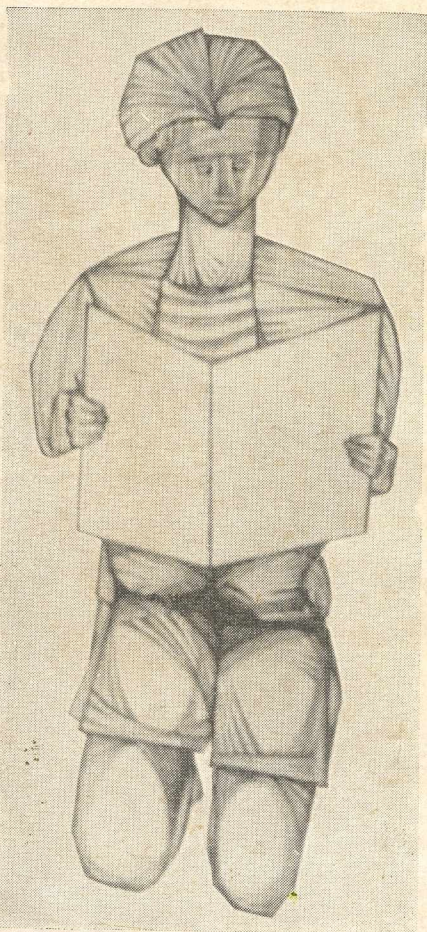


a nova
escola
industrial
federal
do
rio grande
do
norte



Veríssimo de Mélo
(Do Conselho de Repre-

sentantes da E.I.F.R.G.N.)

Biblioteca Particular

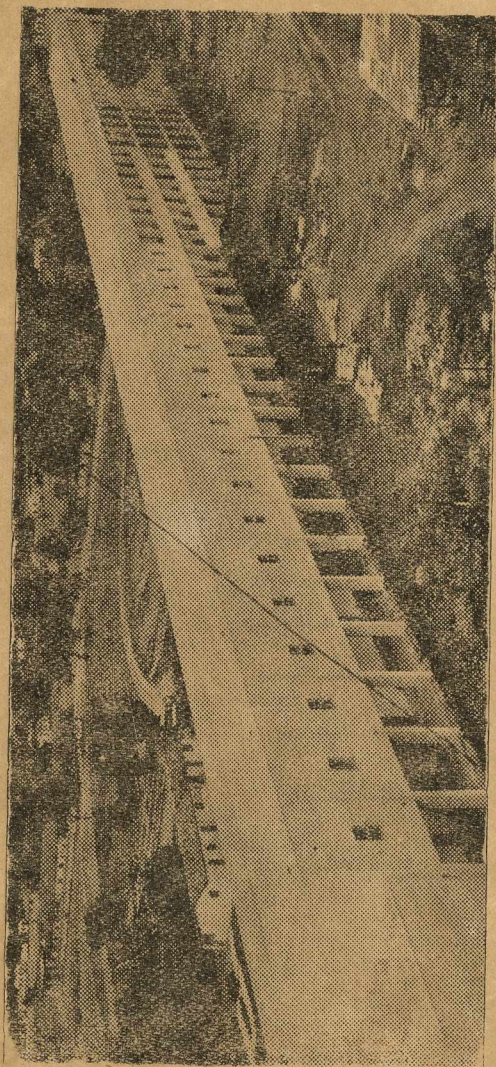
•SIMÓN BOLIVAR•

R. O. Monte

Entrada: 05 / 07 / 86

No. 2.943

CAPA: Detalhe de um dos muros de Newton Navarro na nova Escola. Montagem de Geraldo Batista de Araújo —



Novo prédio da Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte

Biblioteca Particular

“CLAYTON L. V. ALVES”

R. O. Norte

Entrada: _____ / _____ / _____

2.943

Labim/UFRN

Elp S

A NOVA ESCOLA INDUSTRIAL FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

A Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte foi criada a 23 de setembro de 1909, pelo decreto nº 7.566, do Presidente Nilo Peçanha, que instituiu o ensino profissional no país, com a denominação de Escola de Aprendizes Artífices de Natal.

Subordinada à Diretoria Geral de Indústria e Comércio, do Ministério da Agricultura, teve como primeiro diretor, nomeado por decreto de 4 de novembro de 1909, o dr. Sebastião Fernandes de Oliveira, ilustre e saudoso magistrado, membro do Tribunal de Justiça do Estado.

A instalação verificou-se a 1º de fevereiro de 1910, no prédio do antigo Hospital de Caridade, onde, posteriormente, foi localizado o quartel da Polícia Militar do Estado e hoje abriga a Casa do Estudante.

Nessa época, a Escola era constituída de cinco oficinas: Marcenaria, Sapataria, Alfaiataria, Serralharia e Funilaria, cada uma dirigida por um mestre, com respectivo adjunto. Havia apenas dois professores: Um de desenho e outro do curso noturno, com respectivos adjuntos. Professores e mestres das oficinas percebiam o ordenado de 200\$000 mensais, enquanto os adjuntos ganhavam apenas durante as substituições aos titulares.

O orçamento da União do ano de 1910 consignou verba global de 52:400\$000 para a Escola de Aprendizes Artífices de Natal, inclusive 20 contos de réis destinados às despesas de instalação e oficinas. O diretor percebia o ordenado de 400\$000 por mês, enquanto o escriturário ganhava 3 contos de réis anuais.

Em artigo para a revista "PEDAGOGIUM", (setembro de 1948), o prof. Rivaldo Pinheiro assinalava, com propriedade, a orientação com que surgiram as escolas de Aprendizes Artífices no país: 'Eram escolas destinadas a aprendizado de arte, e não a uma verdadeira instrução téc-

nica, especializada. Visavam antes munir o aluno de uma arte que o habilitasse a ganhar a vida e a se manter, como artífice, do que preparar os quadros técnicos de que já começava a ressentir-se a nascente indústria brasileira. Não representavam um plano de ação educacional, mas antes uma tentativa de caráter social, de que foi tão fecundo o curto governo de Nilo Peçanha, visando amparar os filhos dos trabalhadores, que se encontravam nos centros urbanos.”

Todavia, — verificamos hoje, — que foram essas Escolas de Aprendizes Artífices, aperfeiçoadas através de meio século, que semearam o ensino técnico-profissional no país. As atuais Escolas Industriais Federais, de estrutura moderna e recursos amplos, orientadas para a formação de mão-de-obra visando o desenvolvimento, devem aquele serviço aos pioneiros do ensino profissional no Brasil.

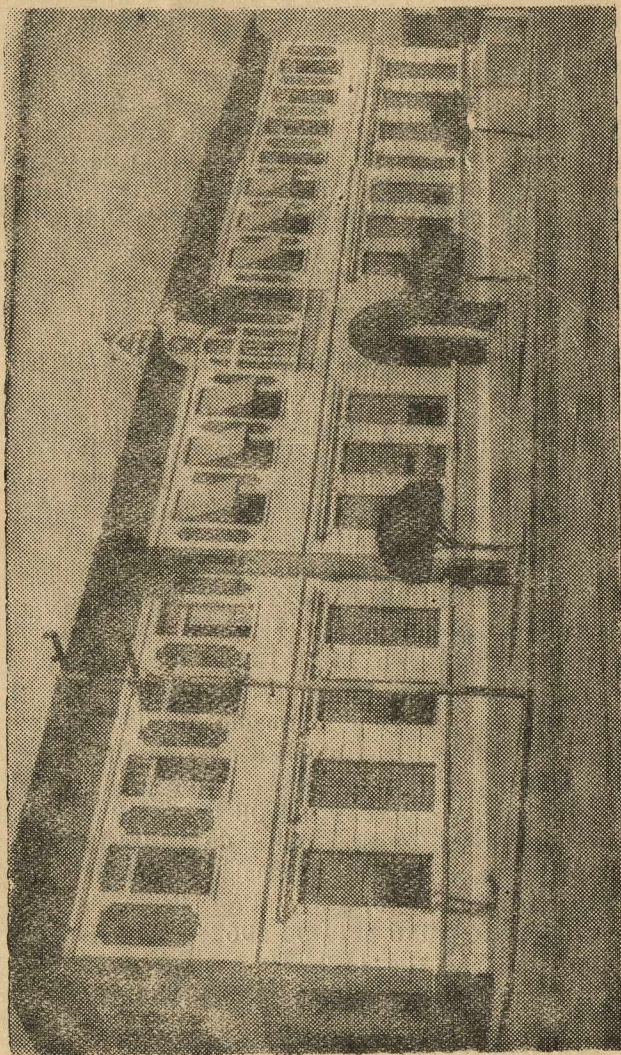
53 ANOS NA AV. RIO BRANCO

A transferência da Escola de Aprendizes Artífices de Natal do primitivo prédio para a avenida Rio Branco (nº 743 atual), — afirma o prof. Evaristo Martins de Souza, aluno na época, — ocorreu em 1914, portanto ainda na administração do dr. Sebastião Fernandes de Oliveira. O segundo diretor, dr. Silvino Bezerra Neto, só se empossou a 11 de maio de 1915. Entretanto, no reinício das aulas em 1914, a Escola funcionou dois ou três meses no prédio do Natal Clube, enquanto se processava a mudança das oficinas.

Depoimento curioso é ainda o do prof. Evaristo Martins de Souza, quando afirma que, ao concluir o curso de marcenaria, pouco trabalhou pela arte, “pois ninguém queria confiar os seus serviços aos alunos que daqui saíssem, em virtude do rotineiro método de ensino em que os mesmos foram instruídos.”

Em 1920 operou-se uma reforma nos métodos do ensino profissional, sendo a notícia recebida com grande alegria pelos antigos alunos e professores da Escola. Na administração do dr. Licério Alfredo Scheiner (de 23-10-1922 a 22-05-1923) iniciou-se a nova fachada do prédio nº 743 da av. Rio Branco, obra que só iria ser concluída em administrações posteriores.

Em 1927, na administração Alcides Raupp, foi montado na oficina de Marcenaria um motor a gás pobre, in-



Fachada do velho prédio da av. Rio Branco, nº 743, onde a Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte funcionou durante cinquenta e três anos.

forma ainda o prof. Evaristo de Souza. Não convindo à Escola a permanência do motor, foi o mesmo, posteriormente, cedido ao Estado em troca de uma faixa de terreno no flanco esquerdo do prédio da av. Rio Branco, para ampliar a fachada.

Nesse prédio da av. Rio Branco, como se verifica, a Escola funcionou durante 53 longos anos. De Escola de Aprendizes Artífices de Natal, passou depois a denominar-se Liceu Industrial de Natal, Escola Industrial de Natal e, recentemente, com a lei nº 4759, de 24-8-65 e Portaria Ministerial de nº 239, de 3-9-65, — Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte.

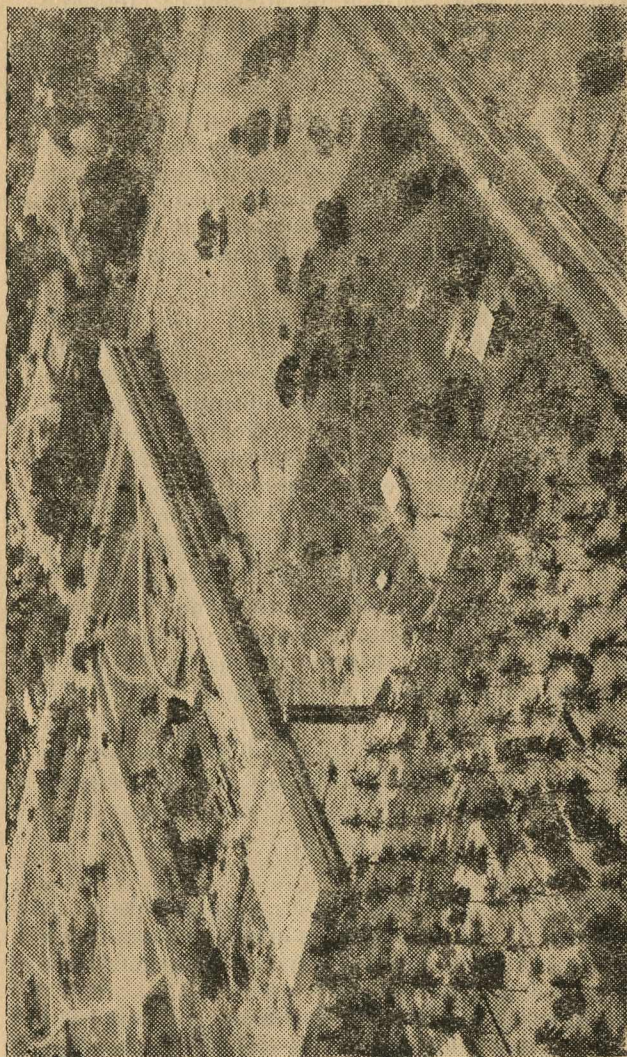
QUADRO DE DIRETORES

Nesses cinquenta e oito anos de existência, a Escola teve dezesseis diretores, a saber:

1 — Dr. Sebastião Fernandes de Oliveira, posse a 30-11-1909 — 11-05-1915; 2 — Dr. Silvino Bezerra Neto, 11-05-1915 a 27-03-1918; 3 — Dr. Adalberto Soares de Araújo Amorim, 8-04-1918 a 12-09-1922; 4 — Dr. Licério Alfredo Scheiner, de 23-10-1922 a 22-05-1923; 5 — Dr. Eugênio Gomes Outeiro, de 26-08-1923 a 19-02-1924; 6 — Prof. Waldomiro Fetterman, de 3-08-1925 a 1º-03-1927; 7 — Prof. Alcides Raupp, de 1º-03-1927 a 14-10-1930; 8 — Dr. Floriano Cavalcanti de Albuquerque, de 14-10-1930 a 12-11-1930; 9 — Dr. Paulo Sarmento, de 05-09-1931 a 13-08-1935; 10 — Dr. Antônio Carlos de Melo Barreto, de 16-09-1935 a 16-03-1939; 11 — Dr. Manoel Caetano Filho, de 24-04-1939 a 8-08-1939; 12 — Dr. Jeremias Pinheiro da Câmara Filho, de 14-09-1939 a 4-10-1954; 13 — Prof. Clodoaldo Carvalho, de 19-04-1955 a 30-01-1956; 14 — Prof. Pedro Pinheiro de Souza, de 17-02-1956 a 11-04-1962; 15 — Dr. Iri-neu Martins de Lima, de 11-04-1962 a 30-06-1964; e 16 — Dr. Pedro Martins de Lima, 30-06-1964.

CONSELHO DE REPRESENTANTES

Com a Lei nº 3.552, de 16-02-59, foram criados os Conselhos de Representantes, órgãos colegiados que passaram a dirigir as Escolas Industriais em todo o país. O Conselho de Representantes da Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte foi instalado a 15-02-61, com a seguin-



Vista geral do novo prédio da Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte, vendo-se grande parte do terreno de 90.000 m² em que a mesma está encravada

te constituição: Luis Carlos Abbott Galvão, (presidente), representante da Indústria, tendo como suplente João Alves Ferreira; Alvarar Furtado de Mendonça, representante do Corpo Docente da Escola, suplente, Geraldo Serrano; Milton Dantas de Medeiros, representante da Escola de Engenharia; suplente José Bartolomeu dos Santos; Antônio Ramos Tejo, representante do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura da 2ª. Região, suplente, Dirceu Victor Gomes de Holanda; Messias Dionísio dos Santos, representante da Indústria, suplente, João Lúcio Fonseca; e Mons. Nivaldo Monte, representante educador, suplente, Ascendino Henriques de Almeida Júnior.

Com a renovação de 1 terço dos conselheiros, passaram a figurar no quadro titular, Mons. Nivaldo Monte, e Veríssimo Pinheiro de Mélo, suplente, representantes Educadores; Osório Bezerra Dantas e Ciro Cavalcante, representantes da Indústria, titular e suplente, respectivamente. Na renovação do 2º terço, ocorreram as seguintes modificações: Luís Carlos Abbott Galvão e Evaldo Lira Maia, titular e suplente representantes da Indústria; e Geraldo de Pinho Pessoa e Dirceu Victor Gomes de Holanda, titular e suplente representantes do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA), 2ª. Região.

Atualmente, o Conselho de Representantes está constituído pelos seguintes membros titulares: Luís Carlos Abbott Galvão, presidente; Milton Dantas de Medeiros, vice-presidente e representante da Escola de Engenharia; Veríssimo Pinheiro de Mélo, representante Educador; Osório Bezerra Dantas, representante da Indústria; Geraldo de Pinho Pessoa, representante do CREA; e Geraldo Serrano, representante do Corpo Docente da Escola.

INÍCIO DA OBRA

A necessidade de prédio maior, para instalação de novas e modernas oficinas, novos cursos, campos de esporte, — era problema velho, que vinha inquietando várias administrações.

Determinações da Diretoria do Ensino Industrial clamavam, ano a ano, pelo aumento das matrículas, tendo a Escola atingido o teto máximo no prédio velho, dentro de suas precárias instalações.

Foi o dr. Jeremias Pinheiro da Câmara Filho, em cuja dinâmica administração de quinze anos talvez mais se acentuara o problema de carência de espaço e poucas instalações, — quem primeiro deu passo concreto para a

construção do prédio novo da Escola. Adquiriu excelente terreno no Tirol, uma área de 90.000 m², pelo preço de Cr\$ 810.000 cruzeiros, o ponto mais próximo da cidade e melhor situado então existente, dando início à construção em julho de 1947.

O vulto da obra, entretanto, demandava recursos extraordinários. Jeremias Pinheiro era administrador arrojado, de idéias largas, que pensava sobretudo no futuro da Escola. Todavia, dificuldades com a insuficiência de verbas e crescente aumento do custo do material de construção e mão-de-obra fizeram com que a obra, por duas vezes, ficasse paralizada. Grandes prejuízos daí decorreram, com a deteriorização da parte já construída e desinteresse do órgão técnico do M.E.C. pelo prosseguimento da obra.

Mais de quinze anos se passaram então com a construção do novo prédio paralizada.

REINÍCIO DA CONSTRUÇÃO

Em dezembro de 1965, já na administração de Luís Carlos Abbott Galvão, presidente do Conselho de Representantes, deliberou-se reiniciar a construção da nova Escola. Após uma série de providências que exigiram serviços diuturnos, foi possível retomar a tarefa interrompida, adaptando-se a antiga estrutura do prédio às exigências dos nossos dias. Dividido o trabalho total da obra em quatro etapas, foram acelerados os serviços da primeira etapa, envolvendo o bloco principal, bloco de oficinas, castelo d'água e casa de força, — obras que hoje se inauguram.

Damos o nosso depoimento das primeiras reuniões do Conselho de Representantes, quando o assunto passou a ser ventilado e discutidas as primeiras providências. Todos se entusiasmaram com a idéia do reinício da construção. Luís Carlos Abbott Galvão, porém, foi o grande comandante dessa batalha. Para ele não havia dificuldades. Mobilizou arquitetos e engenheiros para o trabalho de adaptação do prédio à velha estrutura. Contratou advogado para indenizar os populares que já haviam invadido parte do terreno, com a construção de quiosques na confluência da Feira da Av. Quinze. E daí começou a gigantesca, a dura tarefa que veio até hoje, para dotar a Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte de prédio majestoso, amplo, imenso mesmo, sonho de tantos administradores e realidade magnífica dos nossos dias.

A contribuição do dr. Armando Hildebrand, diretor do Ensino Industrial do MEC, nessa obra, foi fundamental. Sem êle talvez, tão cedo a Escola não tivesse o prédio grandioso que hoje estamos inaugurando.

Do homem público, nada mais se exige do que o cumprimento do dever. Mas, há administradores que sabem cumprir o seu dever com amor, entusiasmo, alegria criadora. Dr. Armando Hildebrand é um desses administradores. Em nenhum momento, durante o prosseguimento da obra, êle deixou de encorajar a direção da Escola, orientando e incentivando a iniciativa. Porisso registramos, com satisfação, o reconhecimento da administração da Escola à valiosa colaboração do dr. Armando Hildebrand para a conclusão do nôvo prédio.

CARACTERÍSTICAS DO NÔVO PRÉDIO

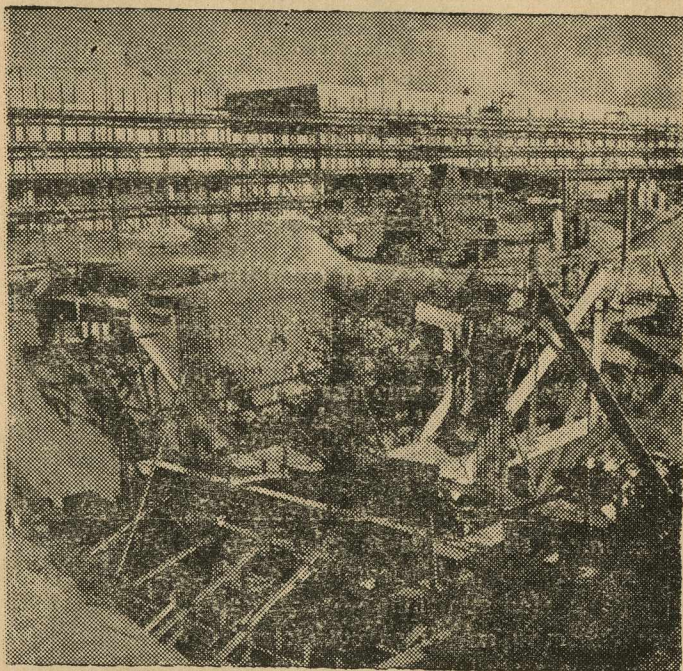
A 1ª. etapa da Escola, — bloco principal, oficinas, castelo d'água e casa de força, — envolve área construída de 8.360 m². A grosso modo, podemos afirmar que a União dispendeu cerca de um bilhão de cruzeiros na construção.

Neste ano de 1967, a nova Escola vai abrigar mil e quinhentos alunos, sessenta e um funcionários e oitenta e um professores, havendo necessidade de ampliar o quadro atual tanto de professores quanto de funcionários.

É pensamento do Conselho de Representantes prosseguir, próximamente, os serviços das três etapas restantes da Escola, que são as seguintes: 2ª. etapa: Muro de contôrnio, pórtico de entrada, e campo de atletismo; 3ª. etapa: Residências de administração, residência de zeladoria, quadras de esporte ao ar livre e ampliação do bloco de oficinas; e 4ª. etapa: Ginásio coberto, para 3.500 pessoas e um parque aquático.

Enriqueceu sobremodo o aspecto estético da nova Escola a realização dos artistas conterrâneos Newton Navarro e Dorian Gray Caldas, pintando seis murais sôbre motivos da vida escolar e sugestões que o estabelecimento oferece, para os jovens, no futuro.

O projeto de reformulação do prédio para adaptação à antiga estrutura foi de autoria da PLANARQ Arquitetos Associados, desta capital, exercendo as funções de engenheiro fiscal da obra o dr. Guilherme Ventura Guedes. O Escritório-Técnico da construção esteve chefiado exemplarmente pelo economista dr. Severino Brito.



**Aspecto da construção do novo prédio da Escola Industrial
Federal do Rio Grande do Norte**

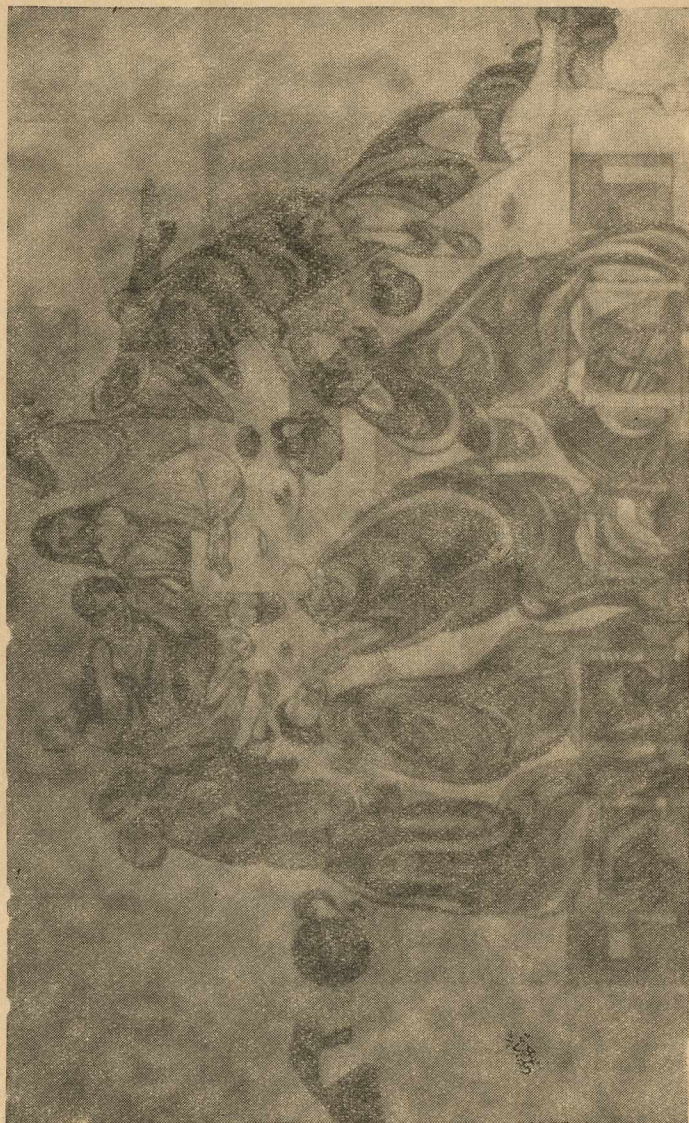
A ESCOLA E A COMUNIDADE

O conceito que hoje desfruta a Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte na comunidade natalense foi conquista árdua e lenta, sedimentada através de mais de meio século de trabalho.

Tendo como sua missão primordial a preparação de técnicos para a indústria, tarefa que cresce dia a dia no nordeste, não se poderia compreender que a Escola carecesse de condições favoráveis ao seu desenvolvimento. Ano a ano aumenta a população escolar. O esforço pelo progresso da região, em que estão empenhadas todas as forças vivas do Estado, exigia participação mais ativa da Escola no sentido de ampliar o volume de mão-de-obra para o nosso mercado. Por outro lado, o Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra Industrial, — iniciativa nacional do dr. Armando Hildebrand, — tem produzido e há-de produzir mais, em convênio com a Escola, na aceleração de técnicos para a indústria.

O nôvo e majestoso prédio, que hoje se inaugura, abre novas perspectivas a quantos no Rio Grande do Norte se dedicam ao ensino industrial. Na medida em que melhores condições de trabalho são criadas, crescem também as responsabilidades de todos e de cada um em particular.

Estamos convictos, entretanto, de que dirigentes, professores, funcionários e alunos da Escola saberão honrar os esforços dos pioneiros do ensino industrial entre nós, e, unidos, darão contribuição valiosa ao desenvolvimento do nordeste.



Ceia Larga, — mural de Dorian Gray Caldas no refeitório na nova Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte

Composto e Impresso nas Oficinas Gráficas
da Imprensa Universitária da Universidade
Federal do Rio Grande do Norte - Avenida
Hermes da Fonseca, 780 - Natal - março - 1967



Imprensa Universitária